



Em discurso para marcar os 100 dias da invasão russa, o presidente Volodymyr Zelensky fala em vitória da Ucrânia. Macron muda de tom e admite que Putin cometeu “erro histórico e fundamental” ao agredir a ex-república soviética. Kremlin promete lutar até o fim

Sem sinal de trégua

» RODRIGO CRAVEIRO

Moradora de Zhytomyr, 151km a oeste de Kiev, a psicóloga Lyudmila sofre com a falta de informações sobre um familiar, um soldado ucraniano capturado pelas forças russas. “Mais de 6 mil militares estão no cativeiro. Os últimos 100 dias têm sido de tristeza. Muitas pessoas perderam suas casas. Aquelas que vivem nos territórios ocupados sobrevivem em condições adversas, foram cortadas da civilização. Não têm acesso à internet, a alimentos e a medicamentos”, desabafou ao **Correio**. A 489km dali, mais a leste, em Sumy, o cientista político Mykola Nazarov contou à reportagem que as forças russas não mais ocupam a cidade. “A situação agora é bem melhor. Nesses 100 dias, aprendi a apreciar coisas simples, como eletricidade, água e internet. Nós perdemos tudo isso por um tempo”, disse.

Na capital, Kiev, Oleksandr Pogrebyskyi, sargento do batalhão de voluntários Irmãos em Armas e deputado do Conselho

Municipal, citou “dias de lágrimas e de vitórias”. “Formei um batalhão militar que resgatou 20 mil pessoas de Irpin. Nesses 100 dias, as pessoas foram obrigadas a fazer escolhas reais. Foram 100 dias de destruição de muitos destinos e de tantas vidas.

Para marcar a data, o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, divulgou um vídeo no qual aparece, na sede do governo, acompanhado do premiê, Denys Shmyhal, e do conselheiro Mykhaylo Podolyak. “A vitória será nossa. Os representantes do Estado estão aqui, defendendo a Ucrânia há cem dias”, declarou Zelensky. O chefe de Estado elogiou suas tropas, ao afirmar que elas “fizeram o que parecia impossível” para deter “o segundo maior exército do mundo”.

Por sua vez, Dmitry Peskov, porta-voz do Kremlin, assegurou que a campanha militar russa continuará “até que todos os objetivos sejam alcançados”. Ele observou que as tropas de Moscou libertaram várias cidades das “forças armadas pró-nazistas da Ucrânia”. Na França, o presidente

Presidência da Ucrânia



Ao lado de médicos, Zelensky visita soldado ferido, em hospital especializado em traumatologia de Kiev

Emmanuel Macron, que resistia em condenar o colega russo Vladimir Putin, mudou ontem de tom e advertiu que o homólogo está cada vez mais “isolado”. “Acho, e disse a ele (Putin), que cometeu um erro

histórico e fundamental para seu povo, para si mesmo e para a história”, disse. Macron não descartou uma nova visita a Kiev. “Viajei em fevereiro para tentar evitar a guerra. Atualmente, não excluo nada”,

comentou. O ministro da Defesa da Ucrânia, Dmytro Kuleba, convidou o francês a Kiev antes do fim deste mês. O coordenador da Organização das Nações Unidas (ONU) para a crise na Ucrânia, Amid Awad, advertiu

que não haverá vencedores na guerra e citou um “preço elevado para os civis”.

Professor de política comparativa da Universidade Nacional de Kiev-Mohyla, Olexiy Haran afirmou ao **Correio** que, nos primeiros dias da invasão, a estratégia da Rússia fracassou por completo ao tentar capturar Kiev, destituir Zelensky e impor um governo títere. “Para mim, esse foi um triunfo da Ucrânia. Depois disso, a Rússia isolou-se no mundo, econômica e geopoliticamente. O futuro de Moscou parece bastante sombrio. Por outro lado, apesar do imenso sofrimento da população ucraniana, está claro que o país pertence à civilização europeia e caminhará em direção à União Europeia (UE)”, explicou.

“Putin está perdendo o apoio da comunidade internacional, o que indica um sinal de vitória da Ucrânia. Ele seguirá matando soldados ucranianos e russos, além de civis do meu país. Fica claro o desejo do Kremlin de consolidar ganhos no sul da Ucrânia. A Rússia capturará todo o Donbass (leste), mas isso vai custar muito tempo e sangue”, acrescentou Haran.

ELIZABETH II

Rainha se ausenta de mais um evento do jubileu

O segundo dia das comemorações pelo jubileu de platina de Elizabeth II, 96 anos, foi marcado pela ausência da rainha na Missa de Ação de Graças em homenagem às sete décadas de reinado e pelas presenças do neto, o príncipe Harry, e da esposa, a atriz Meghan Markle. O casal manteve discrição nos eventos de quinta-feira e, ontem, atraiu aplausos e vaias, ao chegar à Catedral de St. Paul, em Londres. Harry abandonou a monarquia

britânica em 2020 e, por causa disso, não pôde se reunir à família real para assistir ao Desfile do Estandarte, a partir da sacada do Palácio de Buckingham, na véspera. Também ficou proibido de usar o uniforme militar. Enquanto o marido parecia desconfortável, mordendo os lábios algumas vezes, Meghan sorria, mas também evidenciava certa tensão.

Buckingham anunciou que Elizabeth II também não comparecerá, na manhã de hoje, à 243ª

edição do Derby de Epsom Downs, a corrida de cavalos mais famosa do Reino Unido. Para a historiadora britânica Sarah Gristwood, autora de *Elizabeth: The Queen and the Crown (Elizabeth: A Rainha e a Coroa)*, a ausência da monarca nos eventos é “muito preocupante”. “A fé de Elizabeth II e sua paixão pelo esporte sempre foram muito importantes para ela. No entanto, os britânicos têm se acostumado a verem a rainha ser substituída nos eventos.

Em certo sentido, isso permite alívio físico para uma senhora de 96 anos, mas também acostuma a nação a ver o príncipe Charles desempenhando um papel central”, explicou ao **Correio**.

Gristwood aposta que a rainha abre caminho para a transferência da coroa. “A monarquia tem tudo a ver com sucessão. Mas não vejo indícios de abdicação. A maioria das funções de Elizabeth II pode ser delegada sem a necessidade de abdicação.”

Arthur Edwards/AFP



Harry (C) e a mulher, Meghan, foram à missa na Catedral St Paul

As celebrações do jubileu terão outro ponto alto na noite de hoje, com um show organizado pela emissora BBC, na frente do Palácio de Buckingham. Durante duas horas e meia, grandes bandas e

cantores se apresentarão em homenagem a Elizabeth II — no live on, estão nomes como Queen e Adam Lambert, Elton John, Duran Duran, Alicia Keys, Diana Ross e Andrea Bocelli. (RC)

Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

Olho no outro lado do mundo

Uma lista alentada de temas frequentará, a partir de segunda-feira, a agenda da IX Cúpula das Américas, em Los Angeles. Já na distribuição dos convites, o governo de Joe Biden indicou claramente um viés: democracia versus autoritarismo — naturalmente, pelo ponto de vista de Washington. Em nome desse mote, Cuba, Venezuela e Nicarágua foram excluídas, com repercussões anunciadas e previsíveis: até ontem, era dada por certa a ausência dos presidentes da Bolívia e, mais importante, do México, segunda maior economia da América Latina, depois do Brasil.

A escolha do parâmetro de regime político, porém, traz embutido um propósito de alcance mais longo. Pela ótica da Casa

Branca e do Departamento de Estado, o abraço ao continente, chamado de Hemisfério Ocidental pela diplomacia oficial, representa antes de tudo uma demarcação de terreno. Ainda que envolvidos até o pescoço na guerra da Ucrânia, sem falar em outros focos de conflito pelo mundo, os EUA levantam a guarda contra a “infiltração” de terceiros naquela que considera a sua área de influência natural.

Em particular, Biden olha com atenção redobrada os avanços feitos na região, nos últimos anos, pela China. E destorce o nariz para parceiros algo incômodos, na expectativa de neutralizar a tempo movimentos com potencial acentuado de dano para a posição do Tio Sam.

Nem tanto

É, precisamente, o sentido do aceno feito a Jair Bolsonaro, ao fim de mais de dois anos de “geladeira”. Biden evitou ostensivamente o presidente brasileiro em situações como a reunião do G7 em 2001, na Itália. Deixou para o corpo profissional da diplomacia tratar das relações regulares com um aliado estratégico na região, além de destino de investimentos e parceiro econômico, como quem congela, no nível estritamente governamental, a evolução dos contatos.

Na preparação da Cúpula de Los Angeles, outros fatores entraram em pauta. Desde logo, o peso que poderia ter a ausência do presidente brasileiro, somada à do colega mexicano. Como contrapartida a contar com a presença — algo incômoda — de um apoiador explícito de Donald Trump na eleição de 2020, o veterano político democrata aceitou pagar o preço: confirmou um

encontro bilateral com Bolsonaro — “de mais de meia hora”, como foi pleiteado pelo lado de cá.

Como se diz na linguagem musical, a política de Biden para o Brasil é manter distância, ma non troppo.

Los hermanos

Uma medida do tratamento dispensado ao país pelos parceiros de “primeira divisão” pode ser tomada pela lista de convidados para a reunião do G7, marcada para o fim do mês, na Alemanha. O anfitrião, o chanceler (chefe de governo) Olaf Scholz, escolheu um único presidente latino-americano. E, para mal das rivalidades na vizinhança, é o presidente da Argentina, Alberto Fernández.

Scholz, como outros governantes europeus, vê Bolsonaro com múltiplas camadas de desconfiança e divergência. Antes de tudo, pela atitude do Planalto em relação ao desmatamento da Amazônia, tema mais do que

caro à opinião pública europeia. Também pelas afinidades do Partido Social Democrata (SPD) alemão com Lula e o PT, adversários frontais do presidente brasileiro, em outubro, na disputa pelo segundo mandato.

Economia de guerra

Na Europa, a entrada do segundo semestre significa contingências para o enfrentamento do inverno, no fim do ano. Em 2022, a estação da neve e do Papai Noel se anuncia desde já como desafio para o abastecimento de um item crítico: energia. O gás, em especial, mas também o petróleo, fornece o calor indispensável para os cidadãos. E, até o fim de fevereiro, quando Vladimir Putin ordenou a invasão da Ucrânia, o fornecimento era garantido pela Rússia.

É esse desafio que explica as discordância e o impasse entre os governos do Velho Mundo para incluir as commodities de energia nos sucessivos

pacotes de sanções impostos pela União Europeia a Moscou.

Quem pode...

Na Alemanha, locomotiva da economia europeia e o país do continente que mais conta com o fornecimento de gás russo, o governo de Scholz acusou o golpe e abriu o cofre. Vai oferecer aos cidadãos, até o fim de agosto, transporte público por 9 euros mensais (R\$ 46) em ônibus, trens e balsas.

...e quem se sacode

Já a Ucrânia vem de mais do que dobrar a taxa de juros, de 10% para 25% — a primeira (e devastadora) correção desde o início da invasão, que ontem completou 100 dias. O paratamar é o mais elevado desde 2015 — coincidência ou não, quando o país estava às voltas com o impacto da anexação pela Rússia da península da Crimeia, no ano anterior.